

# Diferença salarial entre homens e mulheres é maior em São Paulo

São Paulo é o Estado que apresentou a maior diferença no levantamento que compara os ganhos entre gêneros: [as mulheres receberam, em média, salário equivalente a pouco mais de 80% da remuneração masculina.](#)

[\(Folha de S. Paulo, 25/11/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Próximo a esse patamar também estão Rio de Janeiro, Santa Catarina e Espírito Santo.

Na avaliação do coordenador-geral de estatísticas do Ministério do Trabalho, Mário Magalhães, uma [razão para a disparidade](#) estaria no perfil do mercado de trabalho e em como é ocupado.

Segundo ele, mulheres estão mais presentes nos setores de comércio e serviço; homens, na construção civil e na indústria de transformação.

“São Paulo tem a economia mais dinâmica e moderna do país. Nesse caso, tem peso grande da indústria de transformação, que, em geral, tem salário maior que o comércio”, afirma Magalhães.

Estados do Nordeste e do Norte estão no extremo oposto: têm as menores diferenças. Destacam-se Pará, onde as mulheres ganham o equivalente a 98,2% do salário dos homens, e Alagoas, onde a relação é de 96,9%.

Nesse caso, a equidade é explicada pelo fato de o levantamento considerar o emprego formal, que nessas regiões tem importante participação do setor público, em que cargos e salários são definidos em concurso.

**SUPERAÇÃO**

No setor privado do Nordeste, o mercado pode ser duro com as mulheres, diz Maria do Amparo Xavier Santos, 62, que atua nas obras do metrô de Salvador, na Bahia.

Ela começou a trabalhar na construção civil na adolescência, aos 14 anos. Foi servente, carpinteira, eletricista, armadora. Aos 34, tornou-se a primeira mulher mestre de obras na Bahia, chegando a comandar equipes com mais de 200 operários.

“Foi muito difícil. Quando procurava trabalho, diziam que vaga para mulher era só para lavar o banheiro da obra”, afirma.

Para crescer na profissão, concluiu os estudos e faz cursos técnicos. Mesmo assim, diz que ganhava menos que os colegas homens e chegou a ser discriminada por um dos chefes. Buscou reparação na Justiça e venceu o processo por assédio moral.

Nos últimos anos, dedica-se a inserir mulheres na área da construção. Foram mais de 1.500. Mas não viu nenhuma outra ascender ao mesmo cargo. “Fui a primeira e sou a única”, diz ela.

*Laís Alegretti. Colaborou João Pedro Pitombo*